

MONUMENTOS SACROS DE LISBOA EM 1833

POR

LUIZ GONZAGA PEREIRA

Manuscripto n.º 215 da Secção dos Reservados
da Bibliotheca Nacional

PREFACIADO

POR

A. VIEIRA DA SILVA

Socio da Academia das Sciencias de Lisboa e da Associação dos Archeologos Portugueses

LISBOA

OFICINAS GRÁFICAS DA BIBLIOTECA NACIONAL

1927

1724

1562
2-6

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

PREFACIO

Foi o proprio auctor do manuscrito agora publicado, em quem não desconhecemos uma certa vaidade de legar o seu nome à posteridade, que nos deixou os elementos para organizar a sua biografia. Esses apontamentos constam da sua propria arvore genealogica, e de um livro manuscrito *Collecção de Memorias Relativas ós Gravadores de Cunhos e Medalhas*. . . , a que adiante mais demoradamente nos referiremos.

Raczynski, no seu *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal*, (1847), cita-o como artista gravador, então vivo.

O notavel numismata Teixeira de Aragão, que teve à sua disposição os livros do Archivo da Casa da Moeda e Valores Sellados, poude deles extrahir com toda a facilidade e comodidade muitas noticias respeitantes á historia da moeda metalica em Portugal e seus dominios, que deixou consignadas na sua bem conhecida obra *Descripção Geral e Historica das Moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal* (1874); e no artigo respeitante ao nosso auctor lá recolheu o que conseguiu averiguar, principalmente respigado naquelles livros.

Mais tarde Brito Aranha, que parece ter conhecido pessoalmente o auctor, inseriu mais alguns dados biograficos no tomo 16.º (nono do

Supplemento, 1893), do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, por Innocencio Francisco da Silva.

Tambem o falecido medalhista Dr. Arthur Lamas, na sua monumental, bem que incompleta obra, *Medalhas Portuguesas e Estrangeiras referentes a Portugal* (1916, pags. XXIX e XXXII), ajuntou mais algumas noticias biograficas relativas aos seus trabalhos como artista.

Os auctores mencionados parece terem recolhido tudo o que se possa saber acerca da vida de Gonzaga Pereira, e por isso teremos que nos socorrer aqui do que se acha publicado e já conhecido, para darmos aos leitores uma rapida noticia do auctor do interessante manuscrito agora publicado.

Nasceu Luiz Gonzaga Pereira em Lisboa, na Freguezia de S.^o Estevão, em 21 de junho de 1796; era um dos trinta filhos de Joaquim Manoel Pereira, praça do regimento de Beça, onde prestou serviço até 1773, sendo nesse ano nomeado, por provisão régia, mestre da officina de aprestes de artilheria do Arsenal Real do Exercito, cargo que occupou até 3 de março de 1823, dia em que faleceu com 90 anos de idade, e 75 de serviço. Casou em terceiras nupcias com Maria Barbara de Bulhões Diniz, de quem teve, entre outros filhos, Luiz Gonzaga Pereira.

Este casou em 1815 com Maria Antunes, de quem teve 12 filhos.

Ainda muito novo já mostrava vocação para o desenho, como se vê pelos exemplares coligidos numa obra, a que adiante faremos referência, feitos com 13 anos de idade a bordo da nau Vasco da Gama, a qual fazia parte da esquadra do Estreito, que nos anos de 1809 e 1810 cruzava nas aguas do sul de Hespanha e de Portugal, e do norte de África.

Nô ano de 1811, contando 15 anos de idade, foi admitido como discipulo ordinário da Aula Pública de Desenho, onde teve por profes-

sores Eleutério Manuel de Barros, Joaquim Carneiro da Silva e Faustino José Rodrigues, e de architectura José da Costa e Silva, Germano António Xavier de Magalhães, e Honorato José Correia de Macedo, architecto geral da Real Obra da Água Livre. Foi premiado em concurso da Régia Academia.

Em 22 de junho de 1813 matriculou-se praticante de gravura de pedras finas da Casa da Moeda, no curso ou aula regida pelo hábil gravador Simão Francisco dos Santos, recebendo desde logo 120 réis por dia. Êste salário foi elevado a 200 réis, por determinação do Provedor da Casa da Moeda, de 2 de dezembro de 1813; mais tarde, por despacho de 31 de outubro de 1815, foi elevado a 300 réis, e dois anos depois, em 22 de outubro de 1817, foi melhorado para 400 réis.

Em 1822 foi nomeado ajudante de José António do Valle, gravador de pedras finas, para fazer os cunhos que lhe competissem por distribuição, na forma da lei.

Nesse ano pediu Gonzaga Pereira aumento do jornal para 600 réis, o que foi bem informado pelo Provedor, dizendo êste que *tendo-se* (o requerente) *applicado á abrição de cunhos por nove annos, com bastante aproveitamento, se achava official habil na mesma arte.* Parece todavia não ter alcançado despacho favorável da sua pretensão, porque em 1823, tendo ele (e outros abridores) apresentado modelos de cunhos para a nova *moeda constitucional*, em concurso que terminara em 8 de agosto de 1822, serviu-lhe isso de pretexto para requerer o pretendido aumento de ordenado, o que foi novamente bem informado pelo Provedor. Ignoramos se então o conseguiu.

Tendo ocorrido em 1826 uma vaga de abridor de cunhos, pelo falecimento do gravador Cypriano da Silva Moreira, Gonzaga Pereira concorreu, com mais outros dois praticantes da Arte de Abridores de Cunhos, Armas e Medalhas da Real Casa da Moeda, ao concurso para aquella vaga.

A prova a apresentar seria uma medalha com o busto de Mi-

nerva; o punção ou cunho gravado por Gonzaga não obteve a primeira classificação, mas o concurso foi mandado ficar sem efeito, por nenhum dos concorrentes *haver chegado á perfeição com que devem ser desempenhados semelhantes trabalhos.*

Aberto novo concurso, cuja prova devia ser a cópia de uma medalha com o busto de Camões gravada por Caqué, dele desistiu Gonzaga Pereira, por motivo de intrigas de um seu condiscípulo e colega Caetano Alberto; mas tendo resolvido gravar em 1833, fora do concurso, uma medalha-prova igual á dos outros concorrentes, conseguiu ser nomeado terceiro abridor de Cunhos, Armas e Medalhas, por decreto de 21 de agosto do dito ano.

Alem desta medalha, ainda se conhece uma outra de autoria de Gonzaga Pereira, comemorativa da restauração de 1833, e dedicada a D. Pedro IV. Na opinião do saudoso Dr. Arthur Lamas, esta medalha foi gravada provavelmente para especulação mercantil, e revela, como a primeira, manifesta falta de aptidão do seu auctor para esta especialidade de gravura.

Emquanto o seu colega Francisco de Borja Freire esteve em Londres, em missão official, nos anos de 1836 e 37, foi Gonzaga Pereira, que o substituiu, encarregado do lavor dos cunhos das quatro espécies de moeda decimal, para o que declarou por escrito achar-se habilitado.

Em janeiro de 1836 foi admitido pela Commissão Interina de Credito Público, como gravador daquela repartição, onde recebeu instruções, diz ele, para a factura de imensos cunhos de diversos lavores, *tendo desde a sua primitiva até o presente (1857) gravado entre cunhos, rodas, carimbos, e diversidade de sellos, tudo por sua mão, mais de dois mil de todas as classes e competentes retoques.*

Por decreto de 24 de dezembro de 1853 foi promovido a segundo abridor, e tendo sido atacado de paralisia em setembro de 1857, foi aposentado em 7 de dezembro de 1864, vindo a falecer com 72 anos

de idade e 51 de serviço, em 8 de setembro de 1868, na casa em que residia na Rua da Bela Vista, à Graça.

Além do seu serviço na Casa da Moeda e no Credito Público, ainda Gonzaga Pereira, não só porque era da sua inclinação natural, mas para obviar ao seu reduzido ordenado, de que ele se lamentava, e prover ao sustento de numerosa família, também se ocupava em fazer trabalhos para particulares, especialmente applicações dos seus estudos de architectura civil, nos quais colaborava com o architecto Honorato José Correia que, pelos desenhos daquele, fez grande número de casas e lojas, e *outras muitas obras desta classe*.

Igualmente se dedicou ao estudo de genealogias, tendo feito, segundo ele declara, desenhos para diversas famílias.

Também fez as arvores genealogicas da sua própria familia, intituladas:

N.º 423 — *Genealogia das Familias de Fernando José Pereira e de Manuel Henriques Fregamos, por Luis Gonzaga Pereira;*

N.º 424 — *Genealogia das Familias de Manuel da Rosa e de Thomé Deniz, pelo seu terceiro neto Luis Gonzaga Pereira.*

Ambas remontam ao terceiro avô do nosso auctor, a primeira pelo lado paterno e a segunda pelo materno; são muito bem delineadas e iluminadas, tendo bastantes notas biográficas sobre cada uma das pessoas que nelas figuram. Pertencem actualmente êstes manuscritos ao nosso amigo Affonso de Dornellas, que deles extraiu alguns apontamentos, a nosso pedido, para o presente trabalho, o que lhe agradecemos.

No seu gabinete da Casa da Moeda mostrava Gonzaga Pereira com desvanecimento, às pessoas que o visitavam, grandes quadros e outras produções da sua actividade artistica, tendo tido a honra de receber ali a visita de Suas Magestades no dia 19 de março de 1854.

Gonzaga Pereira foi tambem um fecundo desenhista e aguarelista.

Além das estampas do livro agora publicado, fez muitos desenhos de que, segundo consta, havia grande copia na notavel livraria de Agostinho Vito Pereira Merello, que foram vendidos ás parcelas antes do leilão que della se fez em março de 1898, e outros por ocasião da venda em hasta publica. Por isso essas estampas acham-se hoje dispersas, em mãos de particulares, sendo proprietario duma, que tem por titulo *Rio de Alcantara em Lisboa* (1836), quem escreve estas linhas, e pertencendo ao sr. Mattos Sequeira uma outra, que representa a *Egreja da Estrella* em Lisboa. Consta que na Biblioteca Nacional não existem mais desenhos deste auctor de que as estampas do livro agora editado.

Coligidos em um outro livro ou album, que tem por titulo *Esboços de Paisagens d'Mediterraneo e Lisboa. Teve principio em 1809*, o qual pertenceu ao sr. José Joaquim d'Ascenção Valdez, e hoje é do auctor desta noticia, encontram-se 130 desenhos, quasi todos aguarelados, dos quaes os 34 primeiros representam vistas de varios sitios do Mediterraneo, das costas de Portugal, e da bahia do Tejo até ao Barreiro (?); os 93 imediatos são vistas de aspectos de Lisboa, e de edificios e locaes da cidade; e os 3 ultimos são copias de assumptos de Loanda. Pela numeração das estampas reconhece-se que o album está incompleto. Quando começou a fazer estes desenhos tinha Gonzaga Pereira 13 anos de idade.

Alem da parte descriptiva relativa a cada uma das vistas dos estabelecimentos sacros, e reproduzida nesta edição, ainda Gonzaga Pereira escreveu uma obra que durou até nossos dias manuscrita, e pertence actualmente ao sr. D. Fernando de Almeida. Tem por titulo: *Collecção de Memorias Relativas Os Gravadores de Cunhos e Medalhas Nacionais, e Estrangeiras O Serviço da C. da Moeda de Lisboa desde 1551. Com O resumo das suas Obras e Serviços feitos á Nação Portuguesa. Com a Discripção das Medalhas Historicas Nacionaes, Desde a Regencia do Infante D. Pedro Em 1428. Acrésse hum Cathalogo Histo-*

rico de todos os Artistas, Em Bellas Artes. Recopilação de muitas Obras —por Luiz Gonzaga Pereira, Segundo Gravador da Caça da Moeda— Lisboa, Anno de 1857.

O falecido numismata Dr. Arthur Lamas, que teve ensejo de consultar e de se utilizar deste trabalho, declara-o muito interessante e util, posto que esteja escripto com pouco criterio. Entre as noticias desta obra dá o auctor a sua propria biografia, de pags. 121 a 126, de que para aqui se fizeram extensos extractos.

Gonzaga Pereira possuia uma cultura literaria muito fraca; os seus erros orthograficos são tambem sem conta; todavia devemos relegar para segundo plano estes defeitos, atendendo aos valiosissimos documentos que nos legou.

Ainda são da autoria de Gonzaga Pereira as seguintes obras, que tambem todas ficaram manuscriptas:

Memorias Historicas, pertencentes aos templos divinos, e de quaes são os mais insignes na corte de Lisboa. Lisboa, 1844, 1 vol. 16.º Encontramol-as mencionadas, sob o n.º 4039, no Catalogo para leilão da livraria de Pereira Merello, 1898.

Exame artistico dos Quadros historicos nos templos divinos, principaes na corte de Lisboa, 1848, 1 vol. 4.º É um manuscripto mencionado sob o n.º 10428 no citado catalogo; ignoramos a quem pertença hoje.

Catalogo chronologico e historico dos pintores, esculptores, architectos, gravadores, poetas e musicos mais distinctos que tem havido no Reino de Portugal e dos estrangeiros artistas, 1848, 1 vol., 4.º É igualmente um manuscripto, indicado pelo n.º 10427 no catalogo citado; desconhecemos tambem o seu actual proprietario. É possivel que fosse cópia da *Lista de alguns artistas portuguezes colligida de escriptos e documentos pelo Ex.º e Rev.º Bispo Conde, D. Francisco* (Cardeal Saraiva), editada em 1839, e igualmente publicada em anexo aos volumes 5.º a 7.º (1839, 1840 e 1841) de *O Recreio, Jornal das Familias*. Pelo menos foi

Gonzaga Pereira o auctor do *Resumo dos Artistas Gravadores da Casa da Moeda*, que faz parte daquela lista, e publicado com o n.º 2 (fevereiro) de 1841, da referida obra, e a pág. 357 do tomo VI das *Obras Completas do Cardeal Saraiva*, editadas pela Imprensa Nacional, Lisboa.

Brito Aranha ainda cita as duas seguintes obras, cujo paradeiro desconhecemos:

Catalogos das senhoras rainhas de Portugal, 2 tomos.

Armario de bração, 1 volume.

Diz este falecido bibliófilo que consta que os herdeiros de Gonzaga Pereira tentaram vender os manuscritos ao Govêrno, o que não conseguiram, e dai se originou a dispersão dos mesmos pelos particulares, constando que apenas se conserva em bibliotécas públicas o volume *Monumentos Sacros de Lisboa*.

O livro que pela primeira vez é agora publicado faz parte da colecção de manuscritos da Bibliotéca Nacional, onde tem a cota n.º 215, da Secção dos Reservados, Fundo Geral.

Foi adquirido em 1895 a D. Augusta Bernardina de Sena.

O seu formato é in-4.º. Compõe-se de 126 folhas de desenhos, além de uma com o retrato do auctor, e de 518 páginas manuscritas, de texto respeitante a cada um dos edificios desenhados. Os desenhos são feitos em papel almaço, e o texto é escrito com boa caligrafia, em papel de impressão com a marca SUPERFINE, por baixo de uma coroa estilizada e 2 ramos de carvalho cruzados. Os desenhos entre os filetes, assim como o texto manuscrito, medem aproximadamente 14^{cm},8 × 17^{cm},7 de altura, sendo os desenhos que vão nesta obra reproduzidos nas mesmas dimensões dos originaes. O auto-retrato é colorido, assim como os primeiros desenhos; os restantes ficaram apenas a traço de lapis, e alguns não chegaram a ser completados.

O livro foi escrito até fins de janeiro de 1840 (v. págs. 429, 486 e

514); mas em 1850 e 1852 ainda estava em poder do seu auctor, como se vê por duas observações escritas pelo seu próprio punho e outra tinta, no manuscrito, e se acham a págs. 470 e 256 desta impressão.

A obra é dividida nas seguintes partes, tendo cada uma delas numerações das paginas independentes:

1.^a parte; Conventos de frades: 208 páginas e 52 desenhos;

2.^a parte; Mosteiros de freiras: 120 páginas e 30 desenhos;

Ordens Terceiras: 16 páginas e 4 desenhos;

3.^a parte, Igrejas Paroquiais: 160 páginas e 40 desenhos;

Tem mais:

Recapitulação e templos vendidos: 2 páginas;

Índice: 4 páginas;

Rosto e folhas intercaladas não numeradas: 8 páginas;

Auto-retrato do auctor, junto ao ante-rosto; 1 desenho.

Soma: 518 páginas e 127 desenhos.

O presente volume, cuja matéria das páginas acompanha sensivelmente as do manuscrito, ficou com 524 páginas de texto, além das dèste prefácio. A pág. 396 encontra-se referênciã ao desenho da Igreja nova de Santa Engrácia, que não está no livro; ou não chegou a ser desenhado ou nele incluído, ou foi extraviado.

O livro está encadernado, mas o manuseamento de que tem sido objecto a pouco e pouco lhe tem originado a deterioração da encadernação, e o constante perpassar dos dedos dos muitos leitores, alguns pouco escrupulosos, que o teem consultado, faz com que os desenhos a lapis se vão obliterando lentamente, e estas duas circunstâncias acabariam por condenar êste exemplar único a uma perda irremediavel.

Por isso o auctor destas linhas, em sessão de 25 de junho de 1925, da 2.^a classe da Academia das Sciências de Lisboa, chamou a atenção dos seus consócios para o futuro muito precário que àquele manuscrito se estava preparando, e o benemérito director da Biblioteca Nacional,

Dr. Jaime Cortesão, que estava presente, prometeu envidar os seus esforços para promover a sua publicação, o que, ao mesmo tempo que assegurava a sua conservação, permitia a divulgação das notícias interessantes que nele se acham coligidas, e o conhecimento da architectura de muitos edificios sacros de Lisboa, actualmente desaparecidos.

Resolvido o assumpto nas instancias competentes da Bibliotheca Nacional, foi a reproducção dos desenhos, por meio da litografia, confiada ao sr. Antonio José Pedroso, alumno da Escola de Bellas Artes, e a edição do texto ao pessoal da officina typografica da Bibliotheca, sob a direcção do sr. Julio Pinto d'Oliveira, tendo-se uns e outros desempenhado com o maior interesse e competência, do encargo, que apresentava certos aspectos espinhosos.

Ao signatário d'estas resumidas considerações coube a missão de superintender no andamento dos trabalhos da publicação.

Conservou-se, tanto quanto possivel, a ortografia do manuscripto, com os seus erros que, como dissémos, revelam ser o auctor uma pessoa pouco culta; sómente, para facilitar a leitura, foram desenvolvidas as numerosas abreviaturas, e emendou-se a pontuação; grande numero de palavras comuns, no meio dos periodos, estão começadas por letras maiúsculas, e não é raro deparar-se com estas letras no meio das palavras; isto foi corrigido. Alguns periodos, por confusão do auctor, ou por lapso na copia a limpo para o manuscripto, ficaram com a redacção incompleta, umas vezes ininteligivel, e outras que corrigimos, pondó entre parenthesis e em italico as palavras que o auctor se esqueceu de lançar ao papel. Muitas palavras revelam a maneira de falar de Gonzaga Pereira, á moda das classes populares pouco ilustradas, bem que ele fosse versado na leitura de muitos auctores, de quem não apreendeu todavia a forma correcta de escrever.

Tinha Gonzaga Pereira pretensões a crítico d'arte, e relativamente a cada um dos monumentos que descreve, aos quaes dedica invariavelmente 4 paginas de prosa, faz as suas considerações sobre a pin-

tura, escultura, architectura e gravura; mas o leitor, á vista das suas apreciações, pode bem avaliar de quão fraco criterio artistico ele era dotado; para ele tudo estava bem, e era *insigne*, desde que fosse religioso. Utilisou-se muito do *Mappa de Portugal*, de João Baptista de Castro, da *Corografia Portugueza*, do Padre Antonio Carvalho da Costa, do *Summario*, de Christovão Rodrigues de Oliveira, e de outros auctores que escreverão sobre a antiga Lisboa; e no que respeita a arte encostou-se muito á opinião de José da Cunha Taborda, do Conde de Raczynski, e de Cyrillo Volkmar Machado. Conheceu José Valentim de Freitas, a quem alude a pags. 449, 489 e 508, e faz referencia a pag. 453, o qual, pela mesma ocasião, andava procedendo ao desenho de algumas egrejas que estavam sendo demolidas, representando-as, diz Gonzaga Pereira, em *forma geometrica*.

Algumas noticias nos dá de edificios religiosos creados posteriormente ao terremoto de 1755, e de algumas riquezas artisticas que existiam ou possuíam os templos em 1840; mas onde o seu trabalho narrativo é especialmente apreciavel é nos capitulos intitulados «alteração posterior a 1833», com que remata a descripção de cada monumento, em que ele diz o destino que os edificios tiveram por ocasião e posteriormente á extinção das Ordens Religiosas em 1834, comentando-o por vezes com observações infantis ou picarescas.

Pelo que se refere propriamente aos desenhos, diremos que estes constituem a parte mais valiosa do livro, o que perfeitamente justifica a sua publicação. Não são eles primorosos, nem mesmo perfeitos, apesar do auctor ser desenhador e gravador de um estabelecimento do Estado, e das suas pretensões a critico d'arte. Se as fachadas dos edificios que se apresentam fronteiras ao observador teem geralmente as proporções sensivelmente harmonicas com os originaes, descendo Gonzaga Pereira ás minucias dos detalhes architectonicos, as fachadas lateraes, e as linhas dos edificios que cercam o motivo principal, revelam no auctor um completo desconhecimento das regras da perspectiva;

possuía, é certo, o sentimento artistico, mas não foi devidamente educado.

A-pesar dos seus defeitos, devemos considerar Luís Gonzaga Pereira crêdor da nossa gratidão, por nos ter deixado no seu estilo incul-to, e nos seus desenhos imperfeitos, valiosa documentação para o estudo da architectura dos edificios religiosos da nossa Lisboa antiga, e de outros objectos que se prendem com a applicação das belas-artes naqueles edificios.

Sendo notoriamente tão interessante, tão consultado e tão utilizado, tem-se todavia conservado inédito o livro, e o falecido erú-dito Gabriel Pereira, saudoso director da Biblioteca Nacional, numa notícia que do mesmo deu no *Boletim de Architectura e Archeologia* (tomo XI, 1908, pág. 591), emitiu o voto de que se fizesse algum dia a sua reprodução pela tipografia. Esse voto é agora satisfeito, assim como também o do próprio auctor, que *dedicou* o seu trabalho á *posteridade agrade-cida*. Esta tributa-lhe hoje o seu agradecimento público.

Lisboa, janeiro de 1927.

A. VIEIRA DA SILVA.